

IMIGRANTES AFRICANOS, MULHERES BRASILEIRAS E LGBTTQI+ NA CIDADE DE FORTALEZA-CE^{1 2}

ERCILIO NEVES BRANDÃO LANGA³

RESUMO

Este artigo aborda as relações afetivas entre imigrantes africanos, mulheres brasileiras e o segmento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e intergêneros (LGBTTQI) na cidade turística de Fortaleza-CE, no Nordeste do Brasil. A partir da observação etnográfica baseada em entrevistas e conversas informais com africanos oriundos de países falantes da língua portuguesa e cidadãos brasileiros de ambos os sexos que assumem distintas identidades de gênero, analiso a troca de olhares entre estes atores. As relações entre imigrantes africano(a)s e brasileiro(a)s de distintas orientações sexuais e de gênero são marcadas pela discriminação racial, dependência econômica e ambivalência, onde a sexualidade se revela espaço de descoberta e de redefinição de identidades. No cotidiano, os encontros entre os três grupos são marcados por curiosidades e atitudes discriminatórias. Bares e boates LGBTTQI, bem como festas africanas configuram espaços onde acontecem as interações afetivos-sexuais envolvendo, particularmente, mulheres brasileiras e imigrantes africanos. As interações entre africanos e homossexuais brasileiros revelam-se ambíguas e nunca publicamente assumidas, envolvendo trocas materiais e simbólicas.

¹ Trabalho submetido em 29/06/18 e aprovado em 29/11/18. Para citar este artigo: LANGA, E. N. B. Imigrantes Africanos, mulheres brasileiras e LGBTTQI+ na cidade de Fortaleza-CE. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v.33, n. 2, jul./dez., 2018. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: dia mês, ano. [v. em edição].

² Partes e versões deste artigo foram apresentadas sob forma de comunicações orais no “III Seminário Violência e Conflitos Sociais: ilegalismos e lugares morais” organizado pelo Laboratório de Estudos da Violência (LEV), Fortaleza-CE, ano e; no “VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero” organizado pela Associação Brasileira de Homocultura (ABEH), Salvador-BA, 2012.

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Doutor em Sociologia (2016) e Mestre na mesma área (2012) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ercilio.langa@gmail.com.

Em tais interações revelam-se momentos liminares e negociações identitárias, dominados por representações relativas às performances sexuais, onde os atores se esforçam para caber nos estereótipos existentes acerca da sexualidade. Entretanto, os encontros também são marcados por choques e tensões culturais, representando um desafio às relações de gênero e dominação, a repensar as teorias que representam o homem como algoz e a mulher como vítima.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Imigrantes Africanos; Mulheres Brasileiras, LGBTTQI's.

AFRICAN IMMIGRANTS, BRAZILIAN WOMEN AND LGBTTI'S IN THE CITY OF FORTALEZA-CE

ABSTRACT

This article discusses the affective relationships between African immigrants, Brazilian women, and the lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender and inter segment (LGBTTQI's) in the tourist city of Fortaleza-CE, in northeastern Brazil. Based on ethnographic observation and the use of resources such as interviews and informal conversations with Africans from Portuguese-speaking countries and Brazilian citizens of both sexes who assume different gender identities, the article analyzes eye-to-eye looks exchanges among these actors. The relationships between African immigrants and Brazilians of different sexual and gender orientations are marked by racial discrimination, economic dependence and ambivalence, where sexuality reveals a space for discovery and redefinition of identities. In their day-to-day, the encounters among the three groups are marked by curiosities and discriminatory attitudes. LGBTTQI bars and discos, as well as African festivals, are spaces where affective and sexual interactions take place, particularly involving Brazilian women and African immigrants. The interactions between Africans and homosexuals are ambiguous and never publicly assumed, involving material and symbolic exchanges. Such interactions reveal liminal moments and identity negotiations, dominated

by representations of sexual performances, where actors strive to fit into existing stereotypes about sexuality. However, the encounters are also marked by cultural shocks and tensions, representing a challenge to gender relations and domination, which motivate a reevaluation of the theories that represent man as tormentor and woman as victim.

KEYWORDS: Sexuality; African Immigrants; Brazilian Women; LGBTTTQI's.

INMIGRANTES AFRICANOS, MUJERES BRASILEÑAS Y LGBTTTQI EN LA CIUDAD DE FORTALEZA/CE

RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones afectivas entre los inmigrantes africanos, las mujeres brasileñas y el segmento de lesbianas, gays, bisexuales, travestis, transgéneros e inter-géneros (LGBTTTQI) en la ciudad turística de Fortaleza/-CE, situada en el Noreste de Brasil. Con base en la observación etnográfica con recursos como entrevistas y conversaciones informales con africanos de países de habla portuguesa y ciudadanos brasileños de ambos sexos que asumen diferentes identidades de género, este artículo analiza el intercambio de miradas entre estos actores. Las relaciones entre inmigrantes africano(a)s y brasileño(a)s de diferentes orientaciones sexuales y de género están marcadas por la discriminación racial, la dependencia económica y la ambivalencia, en la cual la sexualidad revela un espacio para el descubrimiento y la redefinición de identidades. En la vida cotidiana, los encuentros entre los tres grupos están marcados por curiosidades y actitudes discriminatorias. Los bares y las discotecas de los LGBTTTQI, así como los festivales africanos, forman espacios donde toman lugar interacciones afectivas y sexuales, en particular entre mujeres brasileñas e inmigrantes africanos. Las interacciones entre africanos y homosexuales son ambiguas y nunca asumidas públicamente, involucrando intercambios materiales y simbólicos. Tales interacciones desvelan momentos liminales y negociaciones de identidad, dominadas por representaciones de actuaciones sexuales, donde los actores se esfuerzan para encajarse en los estereotipos existentes

sobre la sexualidad. Sin embargo, estos encuentros también están marcados por choques y tensiones culturales, que representan un desafío para las relaciones de género y dominación, que nos hacen repensar las teorías que representan al hombre como atormentador y a la mujer como víctima.

PALABRAS CLAVE: Sexualidad; Inmigrantes africanos; Mujeres Brasileñas, LGTTQI.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa e observação etnográfica em lugares e espaços da cidade de Fortaleza, onde ocorre o lazer e a sociabilidade entre imigrantes oriundos de diferentes países africanos de expressão portuguesa, bem como as interações entre estes sujeitos e cidadãos brasileiros. Assim, analiso as interações afetivas entre africanos(as) e brasileiros(as) que assumem distintas identidades de gênero e orientações sexuais no contexto da migração africana neste universo urbano transnacional e turístico brasileiro.

Dentre os espaços observados destaco moradias, festas, bares e boates frequentados pela migração africana. Particularmente, adentrei três espaços identitários importantes para esses grupos, semelhantes aos “pedaços” descritos por Magnani (2002, 2005),⁴ nomeadamente um edifício onde moravam mais de três dezenas de imigrantes africanos de distintas nacionalidades, que denomino “colônia”. Os outros dois espaços nos quais realizei a pesquisa de campo foi uma boate e um bar tradicionalmente frequentados por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e intersexuais (LGBTQI+) brasileiros, todos localizados nos bairros Benfica e Centro, lugares que concentram os grupos em estudo.

Durante a pesquisa de campo desenvolvida entre os anos 2010 e 2013, utilizei o método etnográfico com base em entrevistas e conversas informais. Observei os três grupos por cerca de doze meses, período no qual entrevistei cerca de treze imigrantes

⁴ A noção de **pedaço** é uma categoria de análise proposta por Magnani (2005) para analisar circuitos dos jovens urbanos. Na ótica deste autor, pedaço designa o espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenrola uma sociabilidade básica mais ampla do que a dos laços familiares, ao mesmo tempo que mais densa, significativa e estável do que as relações formais, individualizadas e impessoais impostas pela sociedade. Assim, o pedaço está mais ligado à dinâmica do grupo que se identifica com ele, que pode trocá-lo por outro espaço como ponto de referência ou lugar de encontro.

africanos e cinco mulheres brasileiras, e manteve conversas informais com outros cinco homossexuais que assumiam distintas identidades de gênero e orientações sexuais enquanto gays, lésbicas, bissexuais e travestis.

No tocante às migrações internacionais na atualidade, Castro (2008) relaciona a imigração ao empobrecimento de determinadas classes sociais, ao aumento das desigualdades entre nações, à aspiração a mudanças e à necessidade de circulação, como motivos marcantes pelos quais os indivíduos migram. A globalização da economia é apontada pela autora como outro sentido importante para as migrações, ao influenciar os indivíduos a migrar em busca de oportunidades de mobilidade social e melhores condições de vida. Contudo, a globalização também é responsável por ampliar a distância entre aqueles que têm e os que não têm, potencializando culturas de estranhamento em relação aos imigrantes. De acordo com esta autora, “ser migrante confere, portanto, uma identidade, quer para o sujeito que está migrante, quer para aqueles não migrantes com quem ele/ela se relaciona, mas também um processo de des-identificação” (CASTRO, 2008, p. 10).

O processo migratório que descrevo neste trabalho ocorre no Hemisfério Sul, perspectivando novas configurações históricas, políticas, econômicas e sociais entre Brasil e África, no qual o primeiro se destacou como o país que mais recebeu mão de obra escrava africana no passado e que nas duas primeiras décadas do século XXI vem se destacando pela presença crescente de africanos, sejam eles estudantes universitários, imigrantes econômicos, refugiados ou exiliados políticos. Entretanto, neste trabalho, interesse-me, particularmente, pelas interações afetivas entre imigrantes de países africanos “mais pobres” com mulheres, gays e travestis brasileiros (de um país relativamente “mais industrializado”), que envolvem estereótipos, relações de dominação, casamentos binacionais, afetos e dinheiro (PISCITELLI, 2008, 2011).

Cabe destacar que a migração, presença e permanência de imigrantes africanos na cidade de Fortaleza configurou uma nova “etnopaisagem”, conforme descrito por Appadurai (2004).⁵ Este autor utiliza a noção de etnopaisagem no lugar de identidade étnica, num contexto mundial em que paisagens, imagens e indivíduos estão em contato e em transformação.

⁵ Expressão utilizada por Appadurai (2004) para designar paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento, a constituírem um aspecto essencial do mundo e parecendo afetar a política das nações e entre as nações, sem precedentes.

Observo que a presença de imigrantes originários dos países africanos de língua oficial portuguesa (Palop) pertencentes a diferentes contextos etnolinguísticos, culturas e credos religiosos com suas roupas coloridas e línguas maternas – com destaque para o *crioulo*⁶ – modificou a paisagem étnica desta cidade litorânea brasileira, até então um tanto homogênea em termos raciais, culturais, étnicos e linguísticos. Via de regra, os imigrantes de países africanos que falam a língua portuguesa são atraídos para o Brasil por conta do grau de desenvolvimento econômico, industrial, particularmente educacional, alimentando esperanças de facilidades de inserção por conta da língua portuguesa e das culturas negras em comum – gastronomia, religiosidade, musicalidade – trazidas no processo de escravidão racial entre o continente africano e as Américas (LANGA, 2014).

Tais representações sobre o Brasil originam-se ainda quando os africanos estão em seus países de origem – consolidando-se no processo migratório a partir da globalização e seus difusores –, particularmente por meio das telenovelas, documentários e cinematografia brasileiras, que desde os anos 1980 são transmitidos nas televisões públicas e privadas dos países africanos de língua portuguesa. Mais recentemente, os principais grupos televisivos brasileiros têm adentrado nas sociedades africanas por meio de filiais locais, bem como por meio das mídias, redes sociais e informacionais veiculadas como o *Yahoo Brasil*, o *Facebook*, entre outras veiculadas pela internet. Pensando neste contexto de mobilidade humana na cidade de Fortaleza, onde destacam-se as interações afetivas entre jovens africanos, mulheres brasileiras maduras e LGBTQTQI como aspectos marcantes da presença desses sujeitos em terras brasileiras, desenvolvo este trabalho.

2 IMIGRANTES AFRICANOS E "COROAS" BRASILEIRAS

No cotidiano do cenário migratório na cidade de Fortaleza, mulheres e homens cearenses trocam olhares com africanos e africanas de forma ambivalente: discriminando-se e/ou sexualizando-se. Na sociedade brasileira, particularmente a cearense, via de regra, por conta da pele negra e do passado escravocrata, ao mesmo tempo que são estigmatizados, africanos e africanas também são objeto de desejo sexual. Os olhares que discriminam e sexualizam africanos têm raízes históricas

⁶ Língua materna e oficial de Cabo-Verde e da Guiné-Bissau. O crioulo tem base lexical no português, derivando da mistura da língua portuguesa com línguas africanas, sendo um dos resultados da colonização portuguesa nesses dois países.

profundas no Brasil que remontam ao período da escravidão e refletem-se ainda nos tempos contemporâneos. As representações e imaginários sexuais sobre os negros e africanos no Brasil estão presentes ao longo do tempo por meio da literatura, de produções acadêmicas e intelectuais acerca da escravidão, e mais recentemente da diáspora africana e da afro-descendência, nas quais raça, sexualidade e religião aparecem como categorias de diferenciação.

Tais representações sexuais corroboram o argumento de Furlani (2009), segundo o qual a sexualidade é construída historicamente, concebida em um determinado tempo, em época específica e dentro de determinados contextos. Já no contexto da migração africana em Fortaleza, as interações entre africanos e brasileiros de ambos os sexos são mediadas por afetos, sexo, presentes, dinheiro, conforme Piscitelli (2011), bem como por outras formas de “ajuda”: fazer a feira, pagamentos de aluguel das quitinetes⁷ e das mensalidades nas faculdades.

Nesses encontros verificam-se visões hipersexualizadas do outro, presentes nos dois grupos, com representações acerca das performances, aptidão e tamanho dos órgãos sexuais (LANGA, 2014). Dentre as interações destacam-se aquelas que envolvem jovens africanos e mulheres brasileiras maduras, popularmente designadas “**coroas**”. Nessas interações afetivas algumas coroas oferecem presentes e propostas para morar com africanos, em bairros afastados do centro da cidade. Apresento em seguida o relato de uma mulher brasileira madura acerca de suas preferências afetivas por africanos:

Não gosto de menino não. Meu ex-marido era dezesseis anos mais novo que eu. Gosto de africano, de negro mesmo, quanto mais escuro melhor. Os mais altos, mais fortes. Adoro sexo, adoro gemer alto pra que os vizinhos ouçam mesmo, e fiquem com inveja. (Mulher brasileira que se assume como morena, 36 anos, estudante de pós-graduação e professora universitária. Extrato de conversa informal acontecida em uma festa no dia 09/10/2011).

O tipo de representação circunscrita revela o desejo e fetiche sexual que parte das mulheres brasileiras tem do homem negro/africano que é tido como “bom nas atividades sexuais”, com performances sexuais acima da média e disponível para satisfazer fantasias

⁷ Palavra oriunda da língua inglesa e aportuguesada no Brasil, designa apartamentos de pequenas proporções formados por quarto, cozinha e banheiro, construídos para albergar uma só pessoa.

das mulheres (LANGA, 2014). Sexualidade e raça se mostram como os poucos, senão os únicos, fatores positivos da presença africana em Fortaleza. Por outro lado, Beserra (2007) mostra que em contextos transnacionais e aos olhos de cidadãos estrangeiros, o Brasil é visto como um lugar exótico, país do carnaval e da sexualidade liberada. Tal visão é partilhada pelos imigrantes africanos residentes em Fortaleza por conta da diferença cultural, particularmente no tocante à vestimenta e sexualidade.

Os africanos são representados pelas mulheres brasileiras como objetos sexuais, como tendo uma sexualidade exótica e bizarra, cujas marcas seriam a insaciabilidade sexual e o tamanho anormal dos órgãos sexuais, próximas às visões do mundo Ocidental sobre o Oriente (SAID, 2007). Nesse contexto migratório, na gíria de brasileiros e brasileiras, os africanos são tidos como **xoxoteiros**,⁸ mostrando interesse pelas mulheres independentemente da raça, faixa etária, classe, massa corporal, beleza, entre outros marcadores sociais. Em uma metrópole como Fortaleza, por conta da sua condição de imigrantes e negros, africanos e africanas adentram relações afetivas com brasileiras e brasileiros em posição de inferioridade e subalternidade, ocupando lugares secundários e marginais quando se trata de preferências afetivas.

As relações afetivas entre mulheres brasileiras e jovens africanos não são assumidas nos espaços públicos e lugares que comprometam a imagem das primeiras. De forma geral, mulheres brasileiras, particularmente as mais jovens, não assumem a relação com o imigrante africano publicamente, não os apresentando aos seus círculos familiares e de amigos. Já as coroas tendem a assumir mais do que as mais jovens, visto que não sofrem tanto com o controle social. Geralmente, a sociedade cearense não aprova estas relações. Em alguns casos, o namoro entre brasileiras e africanos é reprovado publicamente, com xingamentos, insultos, fofocas, que funcionam como uma forma de controle social. Mesmo assim, ocorre uma valorização da masculinidade africana, historicamente subalternizada e desvalorizada pelo processo de dominação colonial.

Assim, nesta migração africana verifica-se uma inversão desse processo, ocorrendo uma valorização das masculinidades africanas pelas mulheres brasileiras, num cenário próximo aos processos da hipermasculinização associada à negritude, atrelados aos descritos por Urrea-Giraldo (2009) nos jovens negros oriundos das classes de diversos países da América Latina. Em seus estudos sobre masculinidades de jovens negros de classes populares, este autor mostra a relação entre os processos de dominação colonial e pós-colonial com as formas socio-históricas de racialização,

⁸ Expressão pejorativa utilizada no Brasil que, se refere ao órgão sexual feminino.

etnização, produção de classes sociais e sexos e gêneros, num contexto onde as masculinidades negras sempre foram desvalorizadas.

Entretanto, na contemporaneidade há uma inversão nas masculinidades, sobretudo entre os homens negros, ocorrendo uma hipermasculinização, com ênfase na virilidade, associada ao capital sexual (URREA GIRALDO, 2009). Na ótica deste autor, as masculinidades são moduladas ou afetadas pelo ciclo de vida, pela classe social e pela raça. Em Fortaleza-CE, em alguns contextos e momentos, as masculinidades africanas são recuperadas e hipervalorizadas, daí que os imigrantes passam a “descobrir” o seu valor e/ou o valor de seus capitais sexuais (URREA GIRALDO, 2009).

3 O MAL-ESTAR DAS MULHERES

É necessário pautar que a categoria nativa brasileira “coroa” é ressignificada pelos imigrantes africanos, passando a referir-se não apenas às mulheres mais velhas, mas também a todas as mulheres acima dos trinta anos que não se enquadram no ideal de beleza exigido pela modernidade ocidental. As mulheres brasileiras revelam certo mal-estar diante da “ditadura da beleza” – parafraseando Cury (2011) – vigente na sociedade brasileira que impõe às mulheres um padrão de beleza caracterizado pela magreza, corpo, pele e cabelos perfeitos. Nesse contexto de cobrança, além da maternidade, do cuidado da casa, da família, da criação dos filhos, do trabalho secular, exige-se das mulheres uma carreira profissional, assim como o cuidado com seus corpos, pernas, seios e glúteos, e a apresentação de uma aparência jovial e saudável no cotidiano (CURY, 2011).

Neste cenário, algumas coroas esforçam-se para ser mais atraentes, frequentando academias de ginástica, implantando silicone nos seios, no bumbum e nas pernas, enxertos de botox⁹ na face, cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos para parecerem mais jovens. As mulheres que frequentavam as festas africanas, e outros espaços frequentados pelos imigrantes, pertenciam à classe média, separadas ou divorciadas, com uma carreira profissional sólida. Tais mulheres procuravam diversão ou relacionamentos sem compromisso. Vejamos um trecho da conversa informal com uma mulher brasileira na fila de entrada de uma festa africana:

⁹ A aplicação de botox na face constitui um procedimento médico e estético bastante utilizado com o objetivo de eliminar marcas faciais, rugas, linhas de expressão e outras finalidades. O botox é uma toxina botulínica industrializada que é aplicada no músculo, provocando relaxamento da região onde é aplicada. No Brasil, nas últimas décadas, este procedimento é bastante utilizado para retardar o envelhecimento facial.

Meu nome é S. tenho 39 anos. Sou massoterapeuta. Tenho minha casa, meu carrinho, sabe. Gosto de conhecer e conviver com gente jovem e bonita. Tenho um filho com cerca de 20 anos que implora para que eu saia de casa, me divirta, sabe. Ele quer me ver bem. Tô solteira há muito tempo, mas não quero um homem pra pegar no meu pé, daqueles chatos, que acha que nosso lugar é em casa, que não me quer ver trabalhando e ganhando meu dinheirinho. Eu adoro as festas de vocês, sabe. Me disseram que são massa. [Mulher brasileira de classe média, autônoma. Extrato de conversa informal mantida em 28/05/2011].

Como vemos nas falas acima, as mulheres brasileiras denunciavam o mal-estar na sociedade brasileira – causado por uma cultura estética que exige bastante dela e pesa em seus corpos – logo nos primeiros encontros com os africanos. Muitas dessas mulheres informavam sua idade, o estado civil, se tinham filhos, apresentando um pouco da sua experiência biográfica, logo nos primeiros momentos de interação. Já os imigrantes omitiam essas informações ou mesmo mentiam sobre seu estado civil, quando tinham mulheres e/ou filhos nos países de origem em África. Os relacionamentos entre mulheres brasileiras e imigrantes africanos não são bem vistos pela sociedade brasileira, permeada pelo preconceito e discriminação racial. Vejamos em seguida, as falas de um imigrante da Guiné-Bissau que explicita tais situações de desaprovação da sociedade e de familiares de sua namorada brasileira:

Tenho uma namorada brasileira que passava mal no início do namoro. As pessoas reparavam muito quando andávamos de mãos dadas na rua. Diziam que ela era puta, só porque namorava um africano. Tenho certeza absoluta que se namorasse um americano ou italiano, as pessoas não chamariam esses nomes. No início ela chorava muito, mas agora já se acostumou. [Imigrante bissau-guineense com o nível de graduação, 26 anos de idade, morando a cinco anos em Fortaleza. Extrato de conversa informal gravada no ano 2011].

O relato acima revela o mal-estar da namorada brasileira deste imigrante bissau-guineense diante da pressão e do controle social exercidos pela sociedade, por meio de olhares discriminatórios, de desaprovação e de insultos nas ruas, por esta ter um companheiro africano e negro. Tal situação demonstra quanto o preconceito racial está entranhado na sociedade brasileira, manifestando-se de distintas formas e situações no cotidiano. De modo geral, o Brasil não aceita a diversidade, aplaudindo a miscigenação somente quando ela clareia. Quando a miscigenação escurece, a sociedade condena. Normalmente, os estrangeiros são aceitos na sociedade quando eles têm a pele mais clara, quando estes têm a pele mais escura, são rejeitados. Desta forma, as interações afetivas, namoros, casamentos interracialis são socialmente desaprovados, ainda que não existam leis nesse sentido.

Assim, no cotidiano era difícil ver brasileiras e africanos de mãos dadas durante o dia, namorando, trocando beijos e afetos em espaços públicos, praças, ônibus, tal como acontece nos relacionamentos entre brasileiros. Já de noite, era possível observar estes namoros e paqueras binacionais e inter-raciais, em locais como shopping centers, bares, onde estes atores se sentem mais à vontade, conversando de forma mais relaxada, subvertendo a ordem vigente. O controle social e o preconceito racial os impede de ter uma vida amorosa com a mesma normalidade de um casal de brasileiros. Neste mercado afetivo, cabe uma importante consideração acerca das mulheres africanas, que ocupam o último lugar em termos afetivos. Distintas pesquisas acerca dos relacionamentos étnico-raciais no Brasil apontam para a existência de uma “solidão das mulheres negras”, que constituem a maioria das mulheres sem parceiros para contrair união, solteiras, viúvas e separadas (SOUZA, 2008; BERQUÓ, 1987; PACHECO, 2006, 2008; PEREIRA; RODRIGUES, 2010). Vejamos abaixo, os desabafos de uma imigrante africana acerca destas preferências afetivas dos homens africanos, durante uma conversa na “colônia africana”:

Vocês homens (africanos) são uns bobos. Andam atrás de brasileira, pensam que africana não é mulher? Vem aqui trançar pra ficar bonitos pras brasileiras. Puta merda. X (africano) é modelo das pobres. Só pega brasileiras vagabundas, loiras falsas. Olha o cabelo delas. No dia que eu tiver dinheiro, só preciso encher um pouco aqui em cima (apontava aos seios). Modelo da pobreza! (gritava, referindo-se ao africano acompanhado de uma jovem

brasileira loira e que afirma ter a profissão de modelo). [Extrato de conversa informal com jovem bissau-guineense, 25 anos, técnica de enfermagem e trançadeira, residente a três anos em Fortaleza. Conversa mantida em 13/03/2012].

De fato, as mulheres africanas sentem este mal-estar diante da preferência dos africanos por mulheres brasileiras. Tais preferências revelam não apenas os resquícios dos discursos coloniais que apresentam o branco como algo desejável, mas também representam para o imigrante maiores possibilidades de ascensão social e estadia permanente no Brasil por via de casamentos e/ou filhos nascidos destas relações. Mesmo os africanos ocupando o último lugar no mercado afetivo em Fortaleza, há um grupo crescente e significativo de mulheres brasileiras que prefere relacionar-se afetiva e sexualmente apenas com esta população.

4 DISCRIMINAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA E MODOS DE VIDA DOS IMIGRANTES

Um dos grandes desafios da migração africana na cidade de Fortaleza é o aluguel de imóveis para morar, sejam eles apartamentos, casas, quitinetes ou somente quartos. A cidade de Fortaleza configura-se uma metrópole bastante segregada nos seus diferentes espaços, cuja marca principal é o prestígio de alguns bairros e o estigma de outros. Nesse cenário de segregação espacial urbana, os bairros chiques e nobres apresentam-se extremamente valorizados quer ao nível imobiliário, quer ao nível social. É nesses bairros onde encontramos a classe média e alta da cidade, grandes e luxuosos condomínios fechados.

Já os bairros localizados nas periferias da cidade são pouco urbanizados, dispendo de precárias infraestruturas de saneamento de água e esgoto, assim como de serviços públicos, como iluminação, bancos, casas lotéricas, hospitais, maternidades, postos de saúde, delegacias de polícia, etc. Além disso, são estigmatizados, com má fama, considerados perigosos pela imprensa e programas policiais televisivos. Entretanto, entre estes dois extremos nas representações dos bairros de Fortaleza, existem os bairros considerados “medianos”, muitos deles localizados na região central da cidade, como o Benfica. Tais bairros vão se valorizando no mercado imobiliário, pois são de fácil acesso, com várias linhas de ônibus circulando entre as suas artérias e contam com infraestruturas sociais de relativa qualidade, como hospitais, delegacias de polícia e serviços de água e

esgoto, serviços bancários, etc. É justamente nestes bairros “medianos” onde reside a maior parte dos imigrantes africanos, congregando indivíduos de praticamente todas as nacionalidades desse continente, presentes nesta cidade. Os africanos residem nesses bairros considerados “centrais” e em alguns mais afastados do centro, que mesclam a classe média com as classes populares, principalmente porque ficam próximos às universidades e faculdades onde estão matriculados, evitando grandes distâncias e gastos de locomoção com ônibus.

Também escolhem locais de moradia em bairros e em ruas onde já residam outros africanos, de preferência do mesmo país de origem. Assim, ruas do centro da cidade e suas adjacentes acolhem diversos pedaços africanos. Assim também acontece no bairro Benfica, onde um único edifício concentrava mais de trinta imigrantes africanos de distintas nacionalidades – bissau-guineenses, cabo-verdianos, são-tomenses, angolanos e moçambicanos – constituindo uma **colônia africana**.¹⁰

Os depoimentos desses indivíduos apontam distintas razões para mudanças de local de residência dos estudantes africanos e africanas morando na cidade de Fortaleza. As dificuldades em alugar imóveis, o alto preço dos alugueis, as condições de conservação dos imóveis, a localização “estratégica”, a proximidade das faculdades e universidades onde se encontram matriculados ou do local de trabalho. As situações de preconceito e de discriminação racial têm contribuído para a sua dispersão pela cidade, passando a se alojarem em bairros mais periféricos.

De fato, quando se trata de africanos o preço dos alugueis de imóveis disparam para o dobro ou até mesmo o triplo. Muitas das vezes, locatários, imobiliárias parecem fazer de tudo para dificultar ou impedir os africanos de firmarem contratos de aluguel de apartamentos ou quitinetes. Por outro lado, as condições físicas dos apartamentos ou quitinetes e a sua localização são outros desafios enfrentados pelos africanos. Normalmente, as quitinetes disponíveis para esses sujeitos são pequenas, bastante quentes e úmidas, muitas vezes em péssimo estado de conservação. Por isso, esses indivíduos sujeitam-se à grande mobilidade entre os bairros de Fortaleza – assim como apresentam históricos de várias mudanças de residência ao longo de seus percursos – e à alta rotatividade nas quitinetes, casas e apartamentos por estes alugadas.

¹⁰ Colônia africana constitui uma categoria utilizada pelo pesquisador e autor desta pesquisa para nomear locais com alta concentração de sujeitos africanos morando num mesmo lugar, normalmente, num edifício, prédio, rua ou avenida, formando uma comunidade com um número igual ou superior a trinta indivíduos.

Aliado a esse cenário de dificuldades, está a situação de que muitos dos imóveis disponíveis para alugar localizam-se em bairros e ruas pouco iluminados onde a sensação de insegurança é maior. O policiamento é deficitário, condições estas que facilitam a ocorrência de assaltos e roubos nas vias públicas e até mesmo nas residências dos indivíduos. Nesse contexto, a dificuldade em alugar imóveis por conta de preconceito e discriminação raciais, assim como o custo alto dos aluguéis e de vida, faz com que os africanos mudem de casa constantemente em busca de imóveis mais baratos e de locatários e imobiliárias mais sensíveis à sua condição econômico-financeira. Dessa forma, imigrantes de um mesmo país ou até de diferentes nações africanas passam a dividir e partilhar a mesma quitinete, casa ou apartamento, gerando trocas multiculturais, de conhecimentos, de modos de ser e de estar na diáspora. Porém, essa situação também gera conflitos de *habitus* (Bourdieu, 2003), isto é, conflitos por conta de disposições adquiridas em suas culturas de origem. Desta forma, a vivência na diáspora gera a necessidade de união e partilha entre distintos estudantes para uma melhor sobrevivência e redução de gastos, ao mesmo tempo que faz desaparecer as divisões e identificações étnico-linguísticas, étnico-raciais e até religiosas existentes nas sociedades africanas. Assim, somente na diáspora é possível encontrar *badios* e *sampadjudos* cabo-verdianos, *balantas*, *mandingas* e *pepels* bissau-guineenses, muçulmanos e cristãos moçambicanos dividindo voluntariamente o mesmo apartamento ou quitinete e partilhando a mesma cozinha, pratos culinários, enfim, partilhando a mesma visão de mundo.

Esta experiência de migração e de convivência multicultural entre indivíduos de um mesmo país oriundos de regiões, províncias, etnias, classes sociais e religiões distintas, bem como de sujeitos de nações distintas, faz com que os imigrantes africanos ganhem consciência étnico-racial e passem a refletir sobre seu *status* enquanto negros e estrangeiros no Brasil. Assim, é na dura realidade enquanto imigrantes no Brasil que muitos africanos e africanas saem de suas “zonas de conforto” da identidade étnico-linguística ou nacional referentes aos seus países de origem, reconhecendo a existência de desigualdades raciais e a assumir-se enquanto homens e mulheres negros.

5 ALUGA-SE QUITINETES, MAS NÃO PARA AFRICANOS

No cotidiano, imigrantes africanos encontram diversas dificuldades para conseguir alugar um apartamento, casa ou quitinete. Além das situações de desconfiança e discriminação racial, os estudantes e imigrantes africanos deparam-se com preços altos praticados por proprietários dos imóveis e imobiliárias.

Normalmente, para a celebração do contrato de aluguel do imóvel, muitos locatários, e principalmente as imobiliárias, exigem ao futuro inquilino brasileiro: um fiador que deveria apresentar como garantia o registro ou matrícula de um imóvel em seu nome na cidade, a cópia do Registro Geral (RG) e do Cadastro de Pessoa Física (CPF) e comprovante de residência em Fortaleza.

Mas, ao inquilino africano, além do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), cópia do passaporte, comprovante de renda, um comprovante de que reside em Fortaleza e uma caução antecipada de três meses do valor de aluguel, também é exigido um fiador brasileiro juntamente com uma carta deste, em que se responsabiliza caso aconteça algum imprevisto. Tais exigências visam dificultar o máximo possível que o africano consiga alugar o imóvel.

Na realidade, a maioria dos proprietários de imóveis e empresas imobiliárias não alugam seus imóveis para africanos, motivados pela desconfiança de que estes não possuam dinheiro suficiente e sobretudo, pelo preconceito racial, em uma atitude discriminatória. Alguns locatários dizem, frontalmente, que não alugam para africanos e não justificam os motivos. Outros ainda argumentam como justificativa para a recusa do aluguel a afirmativa de que: “os africanos são festeiros e baderneiros”, que “falam muito alto na vossa língua e assustam os brasileiros”, que “superlotam os imóveis”, nos quais onde “deveriam morar dois, moram cinco”, que “danificam o imóvel” e ademais, “atrasam no pagamento do aluguel”.

A rigor, quando muitos africanos ligam, via telefone, para saber de um imóvel disponível para aluguel, muitos locatários de imóveis percebem a voz e o sotaque “diferentes” dos imigrantes e logo em seguida afirmam que: “os imóveis estão todos alugados”, ou que “o antigo inquilino ainda não liberou o imóvel” e outros ainda aumentam o preço do aluguel até três vezes o valor real, tentando dissuadir os africanos. Os mais honestos dizem simplesmente que não alugam para os africanos e explicam os motivos.

Entretanto, em meio a este mar de rejeições, alguns locatários e proprietários se especializaram em alugar seus imóveis para africanos. Neste grupo enquadram-se aqueles locatários que alugam seus imóveis a preços abaixo da concorrência. Normalmente, estes proprietários alugam quitinetes pequeníssimas, verdadeiros quatinhos e outros espaços “baratos”, geralmente bastante quentes e mal ventilados, apresentando banheiros em muito mau estado de conservação, sem azulejos – que, quando existem, encontram-se danificados –, com problemas nas fiações elétricas, com infiltração ou vazamentos de água pelas paredes, ou espaços necessitando de obras de manutenção há vários anos.

6 A COLÔNIA AFRICANA

Na continuidade desta narrativa, faço a descrição da principal colônia africana no bairro Benfica, localizada em um edifício na Avenida Marechal Deodoro que chegou a albergar entre os anos 2010 e 2013, mais de trinta africanos de distintas nacionalidades dos Palop e cerca de uma dezena de cidadãos brasileiros.¹¹ O prédio da Dona Flora¹² era um edifício comprido de cerca de vinte metros de comprimento de frente e fundo, por cinquenta metros de largura dos lados, com dois andares e três pisos, e cerca de vinte quitinetes. Logo à entrada, possuía uma pequena garagem com espaço suficiente para dois carros pequenos, desde que ficassem quase que encostados um no outro.

Dona Flora é uma senhora de estatura média, com mais de cinquenta anos de idade. Era dona deste edifício de quitinetes. No ato do aluguel, esta locatária fechava o negócio “na hora”, sem muitas delongas, era “pegar ou largar”, não havia muita conversa, nem contrato, apenas acordos verbais. Com a exceção da dona Flora, ninguém mais alugava apartamentos ou quitinetes para africanos na região, com a desculpa de que esses sujeitos ou não tinham dinheiro ou não pagavam aluguel ou danificavam os apartamentos.

De fato, os locatários dos prédios tinham representações negativas sobre os africanos. A maioria das quitinetes ocupava um restrito espaço, sendo constituídas por dois quartos pequenos, cozinha, banheiro e um pequeno corredor que mal cabia um sofá. Outras quitinetes tinham apenas um quarto, cozinha e banheiro. Havia duas suítes maiores com cozinha ampla e uma pequena sala. Os quartos localizados no térreo eram escuros, quentes, úmidos, mal ventilados e com muitas *muriçocas*,¹³ quase que não entrava sol ou vento por conta das paredes laterais de outros edifícios que cercam o prédio, localizados há menos de dois metros de distância. Já os quartos no primeiro andar, apenas aqueles localizados no lado esquerdo, “da sombra”, eram frescos e bem ventilados. Quase ninguém ficava com

¹¹ Esta descrição densa, microssociológica, das interações na “colônia africana” refere-se ao período e contexto social vivenciado nesse edifício entre os anos 2010 e 2013. Esta “colônia” africana constitui uma referência em termos de campo, um espaço microssociológico de observação do cotidiano e das interações face-a-face da diáspora africana. Hoje, ano de 2018 não se encontra mais a mesma realidade, por conta da dispersão dos africanos pelos diferentes bairros da cidade de Fortaleza.

¹² Utilizo aqui, um nome fictício, de modo a proteger a identidade desta locatária e dona de diversos edifícios, casas, apartamentos e quitinetes espalhados pelo bairro Benfica.

¹³ Designação comum de mosquito na cidade de Fortaleza.

as portas e janelas fechadas durante o dia por conta do sol e do calor que, na maior parte dos dias, entre o meio-dia e as quatorze horas, chega aos 40° *celsius*. Entretanto, à noite, era a vez das muriçocas fazerem a festa, tal era a infestação destes insetos.

As outras quitinetes localizadas no lado direito – **o lado do sol** – eram muito quentes e ensolaradas a maior parte do dia. Para diminuir os efeitos do sol e do calor, seus moradores molhavam toalhas e panos com água fria e penduravam nas janelas, tentando deixar o ambiente mais ameno. Era constante a falta de água no prédio por causa de avarias da bomba de água ou mesmo do corte no fornecimento por falta de pagamento. Daí que o edifício possuía um poço próprio de água. Recordo que, no primeiro andar desse edifício, havia uma zona em que era preciso ter cuidado, pois o chão era fofo demais, correndo o risco de desabar caso os indivíduos pisassem. No térreo ficava localizado o único tanque para a lavagem de roupa, o que gerava conflitos. Eram constantes disputas para lavar roupa. Alguns inquilinos “empataavam” os outros deixando as roupas de molho, como que marcando lugar na fila.

A confusão era tão grande que chegou-se ao ponto de se fazer uma escala com os dias e horas para a lavagem de roupa. Entretanto, depois de lavada, a roupa era levada para o apartamento de cada um e o morador inventava um varal dentro da quitinete ou nos corredores, mas sempre bem pertinho de sua porta, pois havia roubo de roupas. O lixo nos corredores era outro problema entre inquilinos independente da nacionalidade ou grupo étnico-racial. Quando faziam limpeza dentro de suas quitinetes, alguns inquilinos simplesmente jogavam o lixo nos corredores. Outros, quando comiam *chips*, bolachas, biscoitos e lanches rápidos, simplesmente jogavam as embalagens no chão, assim como o faziam com as beatas, bitucas e pontas de cigarros. Dona Flora cansou-se de colocar avisos nas paredes, de fazer visitas surpresas, reuniões e ameaças de despejo por conta do lixo, da ocupação indevida dos corredores com cadeiras, sofás e de outras situações conflituosas.

Os portões do prédio eram trancados à cadeado durante todo o dia por conta de arrombamentos e roubos nas quitinetes, na ausência de seus inquilinos. Moravam no edifício africanos e africanas com diferentes identidades e identificações: negros e mestiços, muçulmanos, católicos e evangélicos; assim como brasileiros e brasileiras brancos, negros, pardos, afrodescendentes, praticantes das religiões de matriz africana, etc. Dentre os brasileiros, todos eram oriundos das classes populares, ativistas ou militantes das causas da população negra, heterossexuais, gays e

lésbicas. Neste edifício, era comum encontrar mulheres africanas morando sozinhas, em quitinetes individuais, quando, normalmente, estas dividem apartamentos e quitinetes com outras mulheres ou homens de seus países de origem.

A maioria dos africanos vivia em quitinetes localizadas no térreo e no lado direito do primeiro andar. Pouquíssimos imigrantes moravam no lado esquerdo – o **lado da sombra** – ocupado majoritariamente por brasileiros que, além disso, quase sempre ocupavam os quartos maiores. Não sei qual o critério usado pela locatária do prédio para distribuir os inquilinos nas quitinetes. Entretanto, percebia-se claramente que o aluguel dos quartos mais ventilados, bem como das suítes custava mais caro. Tal como muitos edifícios de moradia da cidade de Fortaleza, o prédio da dona Flora não tinha varandas. O edifício era marrom-escuro com as paredes chapiscadas de cimento, tornando-as ásperas externamente e, ao mesmo tempo, protegendo o próprio edifício, de modo que não precisasse de azulejos nas paredes, como são adornados muitos dos novos edifícios dos condomínios desta metrópole.

Segundo comentários dos moradores, era dona Flora quem capitaneava as obras e reformas em seus edifícios, fazendo o papel de arquiteta e mestre-de-obras dos edifícios que construía ou reformava para transformar em quitinetes. As construções eram caracterizadas pelo baixo investimento, uso de materiais de construção, de iluminação e canalização de baixa qualidade, bem como vasos sanitários, pias, torneiras, portas, janelas e fechaduras usadas, de “quinta mão”. Dona Flora chegou a colocar o prédio à venda, argumentando estar cansada dos problemas e das despesas geradas pelo prédio, que não dava mais lucro. De fato, naquelas condições de conservação do prédio, não tinha como aumentar o aluguel. Entretanto, não apareceu ninguém interessado em comprar o edifício. Ela era tida como uma senhora muito boa e compreensiva para com aqueles que não pagavam o aluguel, mas também era tida como exploradora porque não fazia nenhum investimento nos quartos, como pintura, piso, rede de mosquiteiras, banheiro, sistema elétrico, etc.

Nas quitinetes, havia pouca privacidade, suas paredes eram tão finas que “não dá para dar um gemido gostoso”, sem que o vizinho do lado ouvisse o barulho. Os quartos eram conjugados, colados uns aos outros, o que permitia pouca ou nenhuma privacidade aos seus moradores. Normalmente, o vizinho logo percebia pelo odor o que o outro cozinhava ou almoçava. Por conta da falta de privacidade, muito moradores africanos e brasileiros abandonavam o prédio pouco tempo depois de alugarem a quitinete. Outras razões para o abandono do prédio eram por causa dos

constantes pedidos de empréstimo de dinheiro, de produtos e utensílios domésticos, particularmente os de cozinha. Era comum o bater porta a qualquer altura do dia por parte dos vizinhos, para pedir sal, açúcar, alho, óleo de cozinha, ou para perguntar se tem bônus de tal operadora para, em seguida, pedir emprestado o telefone celular para ligar para fulano ou sicrano. Ainda assim, com todos os seus defeitos, a “colônia” constituía um bom lugar para morar, se comparados aos outros edifícios, cujo número de brasileiros era maior e onde dominavam o preconceito e discriminação raciais.

Normalmente, na hora do almoço e do jantar predominava o cheiro e odor de fritura, particularmente de peixe frito e dos temperos fortes usados pelos africanos, entre os quais, o azeite de dendê. Assim, todo mundo ficava sabendo o que o vizinho cozinhará. Já do lado dos brasileiros, cheirava quase sempre à carne. A ausência de privacidade era tanta, que havia sempre alguém sentado ou parado no portão de entrada. De igual modo, todos sabiam o que o outro havia comprado pelas sacolas plásticas que traziam, durante a volta da feira, das compras no mercadinho do lado ou do *shopping center*. Desta forma, era fácil adivinhar o nível de renda, o poder de compra e de consumo do vizinho, onde este fazia as compras, o que comprava, a marca de cerveja que bebia, se comprara sapatos novos, se recebera dinheiro da família, se estava de namorada ou paquera nova, entre outras informações de caráter pessoal.

Na colônia africana, as distinções étnicas, linguísticas, político-partidárias, regionais ou mesmo de classe e de prestígio – particularmente entre bissau-guineenses e cabo-verdianos – ainda vigentes nos países de origem, desapareciam, não faziam mais sentido. O importante era colaborar para diminuir as dificuldades da vida. Entre os africanos, todos entendiam o crioulo. A rotatividade de ocupação das quitinetes era mediana. Era difícil encontrar uma quitinete vazia por mais de uma semana. Normalmente, quando um morador se mudava, a quitinete já ficava reservada para algum africano ou brasileiro. Também havia muita mobilidade e rotatividade dentro do edifício: africanos e brasileiros trocavam de quitinete quando achavam que uma era melhor que outra, ou conforme as afinidades nacionais. Assim, era comum encontrar um pequeno grupo de brasileiros morando em quitinete seguidas umas das outras. O mesmo acontecia com os africanos.

Era na colônia que eu me atualizava nas músicas africanas que “bombavam” nos Palop e na diáspora africana residente na Europa em Portugal, Espanha, Holanda e França, países com expressivos contingentes de populações africanas. Foi com esses africanos que passei a conhecer melhor outros estilos de música africana. Além da música *zouk*, oriunda de países africanos francófonos, escutava-se majoritariamente estilos musicais da África lusófona, *passadas* de Angola, *mornas*, *funaná*s e *coladeras* de Cabo-Verde,

assim como o *gumbê* da Guiné-Bissau e o *decalê*, do Senegal e de outros países africanos francófonos. Também passei a entender melhor a rivalidade entre bissau-guineenses e cabo-verdianos, como também passei a compreender melhor a instabilidade na Guiné-Bissau pela voz dos guineenses nesta diáspora que, muitas das vezes, tinham familiares e parentes diretamente envolvidos nas escaramuças político-militares.

A presença desta colônia africana no coração do bairro Benfica gerou diversas representações entre os brasileiros residentes no entorno. Alguns sentiam-se incomodados com a “quantidade de pretos” residindo próximo. Outros, dentre as quais mulheres jovens, adultas e algumas coroas, viam essa presença com bons olhos, pois sentiam-se valorizadas pelos olhares e flertes dos africanos. A presença dos africanos gerou mais segurança ao local onde estes residiam porque os malfeitores tinham certo receio de cometer delitos, pois havia sempre algum africano na rua. Por constituírem minoria, os africanos eram bastante unidos e solidários uns com os outros.

Havia casais africanos, alguns gays com companheiros, casais interétnicos, interracialis e binacionais, constituídos por homens e mulheres do mesmo país, de etnias diferentes, de países distintos, homem africano e mulher brasileira, homem negro e mulher branca, etc. Havia muitos africanos jovens do sexo masculino, dividindo quitinetes e, algumas mulheres afrodescendentes morando sozinhas. A convivência parecia pacífica entre os moradores. Não me recordo da existência de brigas entre os moradores, com a exceção dos casos de violência doméstica entre casais de africanos, brigas essas onde ninguém “metia a colher”.

Relativamente às interações afetivas nesta colônia, percebo que predominava a homogamia, isto é, relações entre pessoas oriundas de grupos sociais semelhantes. Assim, na maior parte dos casos, africanos tendiam a flertar, paquerar ou namoravam com africanos, e os brasileiros também o faziam, com brasileiros. Recordo-me de um casal interracial constituído por mulher brasileira e homem africano que se desfez um ano após a união, quando o jovem bissau-guineense emigrou para os Estados Unidos da América (EUA) e a namorada ficou só no apartamento.¹⁴ Esta ficou residindo

¹⁴ Durante a pesquisa de campo entre os anos 2011 e 2013, conheci pelos menos cinco africanos e africanas, dois homens e um mulher de nacionalidade bissau-guineense e três cabo-verdianos, dois do sexo masculino, que migraram de Fortaleza para os EUA, para morarem em definitivo. Tenho conhecimento que outros também têm tentado fazer este mesmo percurso, ainda sem sucesso. De fato, a migração para os EUA parece ser uma ambição e sonho de muitos africanos na diáspora em Fortaleza, particularmente, cabo-verdianos e bissau-guineenses. Esses sujeitos tem o Brasil como parada intermediária, por alguns anos, antes de embarcar para os EUA. De fato, muitos africanos residentes em Fortaleza têm familiares residentes em outras partes do mundo, com destaque para países europeus, como Portugal, França e Holanda.

lá sozinha por mais um ano. A moça brasileira era bastante assediada, recebendo paqueras e “cantadas” de outros homens bissau-guineenses. Essa era uma prática comum na comunidade africana: sempre que o homem viaja, sua companheira passa a receber “cantadas” de seus amigos. Vejamos o depoimento sobre este assunto de uma mulher brasileira mestiça, cujo marido viajara para Guiné-Bissau:

Eu sei como são os *manjacos*, sabe. Logo que José viajou, um monte de guineenses conhecidos nossos passou a adicionar-me no *Facebook* e começavam com umas conversas esquisitas. Isso aconteceu uma semana depois do José estar em Bissau. Eu já tinha estranhado a conversa dos irmãos e primos deles no *Facebook*, quando me chamaram de “nossa esposa”. Eu disse pra eles na cara: – eu não; vossa esposa não, eu sou esposa do José! Que negócio é esse de nossa esposa, nossa irmã? Mas é assim mesmo. Tem um amigo do José, cuja moça que namora com ele, uma guineense, trai ele na frente de todo o mundo. Quando está com ele, ela está. Mas basta ele virar as costas, se agarra com todo o mundo, algo que beira à prostituição. Eu já vi, ela no carro com brasileiro, já vi ela com outro africano no bar só porque o outro estava pagando cerveja. É muito comum entre vocês esse negócio de chifre e parece que ninguém se incomoda. [Extrato de conversa informal com mulher brasileira mestiça, 40 anos de idade. Conversa acontecida no dia 16/01/2016, num restaurante-bar, durante o pré-carnaval no bairro Benfica].

Os flertes e paqueras com mulheres comprometidas parece ser algo comum na diáspora africana em Fortaleza. Assim, na “colônia” não podia ser diferente. Entretanto, ainda que de forma reduzida, na “colônia” também aconteciam interações afetivas entre africanos de países e etnias diferentes, particularmente aquelas mulheres que moravam sozinhas. Estas eram bastante assediadas, mas também tiravam vantagens da sua condição de solteiras morando sozinhas e desses assédios. Recordo que elas conseguiam empréstimos fáceis de produtos e utensílios domésticos e, quase sempre, bebiam “de graça”, pois os homens africanos disputavam-nas.

7 AFRICANOS E LGBTTQI'S

Este tópico é resultante das observações das interações entre africanos e homossexuais brasileiros, realizadas em festas africanas bem como em bares e boates LGBTTQI frequentados pelos imigrantes africanos. Nesse percurso da pesquisa adentrei dois lugares LGBTTQI, localizados nos bairros Benfica e Centro: a boate denominada “Toca do Javali”, localizada no primeiro bairro e o bar “Metanol” – mais conhecido por “Inferninho” – localizado no segundo bairro.¹⁵ Inseri-me nesses espaços LGBTTQI por serem “locais de encontro” frequentados por grupos africanos, de modo a compreender como se dão as interações entre dois grupos específicos: africanos e gays e lésbicas. Outra razão que norteou a eleição desses lugares para a observação e pesquisa de campo foi o fato de serem bairros centrais, próximos aos “pedaços africanos”.

Realizei tais observações inspirado nas narrativas etnográficas de Magnani (2002) sobre a cidade, etnografia, e a interação entre diferentes grupos sociais, a partir do seu olhar “de fora e de longe” e “de perto e de dentro”. Para Magnani (2002), esses olhares representam duas dimensões metodológicas complementares: uma macrossociológica, **de fora e de longe**, correspondente a um olhar distanciado sobre o espaço urbano, cuja dinâmica da cidade é tida como sendo resultante do sistema capitalista e sua ordem econômica, bem como a outros fatores macro como o mercado imobiliário, empreiteiras, etc. E outra perspectiva microssociológica, **de perto e de dentro**, olhar de cunho etnográfico sobre a cidade, dedicado aos atores sociais – moradores – enquanto sujeitos ativos e agentes de mudança, seus pontos de encontro, bem como suas ações, atividades, seus estilos de vida, deslocamentos, conflitos e suas redes de sociabilidade.

Os imigrantes africanos também desenvolviam olhares ambíguos em relação à comunidade LGBTTQI. Nessas interações verificam-se trocas de olhares e interações

¹⁵ Cabe aqui esclarecer que, nesse período, entre os anos 2011 e 2013, os africanos não tinham muitas opções de lazer, assim como, ainda não existiam os bares “africanos”, isto é, cujos donos eram africanos, nem as “churrasqueiras africanas” – moças africanas que vendem espetinhos de carne e bebidas como água, cerveja e refrigerantes em algumas esquinas estratégicas, formando verdadeiros “pedaços” – na cidade de Fortaleza. Sendo assim, os africanos frequentavam diferentes bares brasileiros, entre os quais, os localizados no Centro da cidade e no bairro Benfica. Somente, dois anos mais tarde, é que surgiram dois bares geridos por africanos: o “bar do Puntcho” e o “bar da Lú”, assim como as churrasqueiras africanas. Assim, particularmente, o “bar do Puntcho” tornou-se um espaço de socialidade e sociabilidade entre africanos e entre africanos e brasileiros, tocando músicas africanas, com africanos e brasileiros dançando, varrendo as noites e madrugadas dos finais de semana e alguns dias no meio da semana.

afetivas entre cearenses e africanos, particularmente entre pessoas de sexo oposto, mas também entre africanos e brasileiros que assumem distintas identidades, gays, lésbicas e travestis. No entanto, no âmbito da diáspora africana, tem-se ainda, com menor expressão e visibilidade, trocas de olhares entre africanos(as) e brasileiros(as) do mesmo sexo que assumem distintas identidades como homossexuais, gays e lésbicas, em relações veladas, subterrâneas, não assumidas em público. Vejamos, em seguida, o depoimento de um imigrante bissau-guineense acerca da interação de um conterrâneo com uma travesti brasileira em um posto de combustíveis:

E teve um incidente, um caso também, que no começo, o povo..., o povo..., o povo não, assim não se adaptou ao fuso horário, então o povo ficava acordado a noite toda. E íamos sempre a... ao posto [de combustível] aqui assim. Prontos, parávamos aí e o povo bebia, livremente, sem aquela gritaria né que tem. E, passava sempre... aqueles carros. Teve um amigo que não vou citar no nome aqui. Passou o carro duas vezes, o cara parou e era um travesti, baixou o vidro e fez assim [sinal com a mão]. Ele é um cara tão forte, grande né... ele falou assim. Aí ele foi. Aí ele foi e foi jogando conversa e estavam se beijando. Ele não sabia que era um homem. Começaram a se beijar, se agarrar. Aí o cara, o cara que vende combustível ali no posto. Ele chegou e falou assim: -hei camarada, aquele ali é um homem [risos]! Eu não acreditei. Aí o pessoal foi lá. Ele já ia no.... Já ia entrar no carro, entendeu. Então foi a salvação. Aí todo o mundo, o cara não gosta de... mais isso. Que fere sensibilidade dele. Então, aconteceu também isso. [Estudante bissau-guineense, cursando universidade estadual, residindo há cerca de quatro anos em Fortaleza. Entrevista gravada em 23/09/2013].

Via de regra, por conta da cor da pele e da origem étnica, os africanos são tomados como assaltantes na sociedade fortalezense. Entretanto, muitos ficavam com a impressão de que algumas mulheres e gays demonstravam curiosidade, pois tendiam aproximar-se e conversar com os africanos. Nos bares, discotecas e festas, os africanos recebiam propostas sexuais inusitadas: gays brasileiros ofereciam dinheiro em troca de relações sexuais. Vários africanos recebiam convites para ir a motéis, saunas e casas de praia, onde aconteciam orgias que envolviam sexo, bebidas e drogas. Alguns africanos

relatam que transaram com travestis e mulheres profissionais do sexo e não pagaram, pois os atores brasileiros tinham curiosidade pelo “diferente”. Nas linhas seguintes passo a descrever a inserção desses sujeitos nos espaços LGBTTTQI.

Ao longo das observações, adentrei nestes espaços, me comportando como os outros africanos, adentrando e saindo dos estabelecimentos, de cerveja na mão, olhando atentamente e esperando. Nas boates e bares LGBTQI, quando caminham em direção ao banheiro, os africanos aproveitam para “fazer a ronda”, para verem e serem vistos, ver se rola algo: um olhar, um sinal, um aceno, um chamado. O que os caracteriza é seu olhar atento, fixo, de quem “caça” alguma coisa. Contudo, quando abordados por algum homossexual, os africanos não interagem muito, quase não ficavam dentro da boate. Alguns gays passavam as mãos nas pernas e glúteos dos africanos e elogiavam-nos, mas estes não correspondiam. Era mais interessante para eles ficarem do lado de fora, por conta do maior assédio dos “donos” da casa. Estes ficavam fora, nos passeios e nas cadeiras dos quiosques, em grupos de africanos, tentando interações com mulheres.

Dentro desses espaços, os africanos não ficavam no centro da pista de dança, mas nas laterais, ficavam preferencialmente na “periferia” e no seu entorno. Ficavam em pé e saíam para comprar bebidas alcoólicas e refrigerantes nos bares próximos, assim como utilizavam o banheiro desta discoteca. Nesses espaços, geralmente, os africanos consumiam pouco, devido ao seu pouco poder de compra, se limitando a beber uma cerveja à lata, das mais baratas, ou apenas refrigerantes. Fora das boates e bares, os preços das bebidas, refrigerantes, água mineral, churrasquinhos e outros produtos eram mais acessíveis, os africanos consumiam mais. Apesar de estarem em locais cuja grande parte das pessoas é homossexual, os africanos pareciam não interagir com estes sujeitos, mas utilizavam-se destes para caçar coroas, mulheres e suas amigas. Quando abordados por gays e travestis, os africanos interagiam pouco, e prestavam muita atenção às mulheres.

Uma das características destes três espaços era ao ambiente social próximo à “liminaridade” descrita por Turner (1974), a subversão à ordem e às normas, onde pessoas do mesmo sexo namoravam, dançavam, abraçavam-se, esfregavam-se e beijavam-se à vontade, expressando carinhos publicamente aos olhares discriminatórios da sociedade. É nestes espaços onde os africanos “caçavam” e eram “caçados”. Apesar de frequentarem espaços tradicionalmente dominados pelos LGBTTTQI, os africanos não interagem com este segmento, na realidade procuram mulheres que frequentam estes espaços. Tal como eles, as mulheres heterossexuais constituem minoria nestes espaços.

Assim é a “caçada” dos africanos nos espaços LGBTTTQI. Quase sempre os homossexuais tentam contato com os africanos, tentando fazer uma aproximação, fazendo perguntas sobre a África, mostrando curiosidade em relação à esse continente e aos africanos, enfim, fazendo o *test drive* para ver se “rola” algo. Os africanos são assediados, paquerados e quase sempre recebem propostas de caráter afetivo-sexual de gays e travestis. Tais propostas iniciam de forma amistosa, porém quando os africanos recusam a propostas, alguns gays oferecem dinheiro em troca de sexo. Vejamos em seguida, o extrato de uma dessas interações:

Eu sou casado, tenho mulher. Sei que há muitos brasileiros que gostam de homens, mas eu não quero um gay, sabe. O que eu quero mesmo, é um africano pra me fazer feliz. Eu gosto de chupar e levar na bunda. Eu não quero um... Você sabe o que dizem dos africanos, não sabe? Esse negócio do sexo, do tamanho... Eu não tô dizendo que você é gay. Eu posso te dar uns agrados... até um salário, dependendo do que você fizer. Só umas duas horas, não custa muito. [Extrato de conversa informal durante o trabalho de campo no entorno da boate “Toca de Javali” com brasileiro, cerca 40 anos, arquiteto. Conversa acontecida em 28/11/2011].

A conversa acima ocorreu em frente à boate Toca de Javali, com um brasileiro oriundo da classe média, casado, que não se assumindo gay, sente-se atraído por pessoas do mesmo sexo e diz-se interessado em experiências “diferentes”. Este fazia questão de exibir sua condição financeira e seu carro. Por outro lado, retrata o imaginário, as representações e os estereótipos existentes sobre a sexualidade dos africanos na sociedade brasileira.

Os gays que interagiam com os africanos pareciam ser movidos pela curiosidade diante do “exótico” e do “diferente”, assim como pelo desejo de “sexo selvagem”, muitas vezes guiado pelas representações sobre a “hipersexualidade” africana. Os africanos pareciam esforçar-se a alimentar esses estereótipos, particularmente nas interações com as mulheres. Parte dos africanos têm amigos e vizinhos LGBTTTQI, desenvolvendo interações de amizade e de “boa” vizinhança, valorizando e respeitando a amizade com estes sujeitos, pois são sensíveis e honestos, em oposição às coroas, cujas relações eram de dominação. Contudo, devido ao controle social por parte de outros africanos, particularmente das mulheres africanas, estes tendem a esconder os seus sentimentos.

Durante a pesquisa de campo, ouvi relatos de que haveria africanos que ressignificaram suas orientações sexuais e de gênero após terem chegado à Fortaleza,

cidade na qual teriam encontrado um ambiente favorável onde pudessem expressar, “livremente”, sua sexualidade. Esses africanos e africanas “saídos do armário” namorariam somente com brasileiros e brasileiras. Recordo que durante a procura de imóveis para alugar na cidade, alguns locatários de prédios afirmaram já ter alugado suas quitinetes e apartamentos para casais do mesmo sexo, nos quais alguns dos parceiros eram africanos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo acerca das interações afetivas entre africanos, mulheres brasileiras de meia idade e LGBTTTQI na cidade de Fortaleza possibilitou-nos compreender as distintas e ricas experiências de inserções desses estrangeiros em contextos transnacionais no mundo contemporâneo, particularmente no Brasil, bem como as condições objetivas que afetam nossas vidas, enquanto imigrantes, africanos, negros e pobres. Os espaços e lugares de interações representam momentos de confraternização, mas também de negociação identitária e experiências afetivo-sexuais interraciais, interétnicas e interculturais. Coloco em evidência a presença de africanos em bares e boates LGBTTTQI e de gays e lésbicas nas festas africanas. Por outro lado, tal presença vem mostrar a existência de flertes entre alguns segmentos da sociedade historicamente discriminados, e os imigrantes. A festa desempenharia a função de aproximar os grupos e serviria como espaço de negociação identitária destes grupos para o seu reconhecimento mútuo para a convivência. Assim, longe dos olhares discriminatórios e do controle social da sociedade, as festas africanas, bares e boates LGBTTTQI constituem momentos e espaços para conversas e relacionamentos entre integrantes destes três grupos que demonstram capacidade de agência e de negociação face às adversidades do cotidiano e da própria vida.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias**. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 2004.

BERQUÓ, E. **Nupcialidade na População Negra no Brasil**. Campinas: Nepo-Unicamp, 1987.

BESERRA, B. Sob a Sombra de Carmen Miranda e do Carnaval: brasileiras em Los Angeles. **Cadernos Pagu**, n. 28, p.313-344, jan./jun. 2007.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTRO, M. Migrações Internacionais e direitos humanos e o aporte do reconhecimento. **REMHU Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, ano 21, n. 31, p.07-36, 2008.

CURY, A. **A Ditadura da Beleza: e a revolução das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Arqueiro, 2011.

FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LANGA, E. Diáspora Africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivossexuais de estudantes africanos(as) em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 2, n.1, p. 102-122, 2016.

MAGNANI, G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-30, 2002.

_____. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n.2, p.173-205, nov. 2005.

PACHECO, A. Raça, Gênero e relações sexual-afetivas na Produção bibliográfica nas Ciências Sociais Brasileiras: um diálogo com o tema. **Afro-Ásia**, n. 34, p. 153-188, 2006.

_____. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. 317f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PEREIRA, E.; RODRIGUES, V. Amor não tem Cor?! Gênero e Raça/Cor na Seletividade afetiva de homens e mulheres negros (as) na Bahia e no Rio Grande do Sul. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros**, v. 1, n. 2, p. 157-181, jul./out. 2010.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, p.263-274, jul./dez. 2008.

_____ et al. Introdução: transitando através de fronteiras. In: _____ (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas/São Paulo: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 5-30.

SAID, E. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. 2. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUZA, C. **A Solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008, 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TURNER, V. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

URREA, F. G. Contribuições de estudo pós-coloniais, da sociologia comparada da família e da sexualidade ao estudo das masculinidades subalternas (negras, indígenas, mestiças) na América Latina. In: MENEZES, J.; CASTRO, M. (Org.). **Família, População, Sexo e Poder: entre saberes e polêmicas**. São Paulo: Paulinas, 2009. Cap. 4, p. 97-126.